

# Rompendo Fronteiras: quando jovens de origem popular chegam à universidade

Hellen R. S. Sacramento

*Graduanda em Pedagogia, Universidade Federal de Sergipe UFS - 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil. Integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) - CNPq/UFS, no Projeto de Pesquisa intitulado: "Jovens de camadas populares: acesso e permanência na universidade" sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Freitas Teixeira (Departamento de Educação/NPGED/NPGECIMA).*

*hrrejane@hotmail.com*

*(Recebido em 30 de outubro de 2009; aceito em 30 de novembro de 2009)*

---

O trabalho tem como perspectiva apresentar resultados de atividades desenvolvidas como bolsista voluntária de iniciação científica junto ao "Projeto Jovens Populares: Acesso e Permanência na Universidade", focando mais especificamente a Universidade Federal de Sergipe (UFS). Analisa os significados de "ser um estudante universitário" para jovens de origem popular, as estratégias integradoras que adotam para inserir-se no mundo acadêmico, as condições de inserção no nível superior, a vida cotidiana desses estudantes, estratégias de permanência na Universidade, além de identificar possíveis ações institucionais que possam fornecer a inserção ampliada desses jovens no mundo acadêmico. Trata-se de uma abordagem qualitativa centrada na realização e análise de entrevistas.

Palavras-chave: educação, jovens, universidade

The work has as perspective to present resulted of activities developed by means of the "Project Young Popular: Access and Permanence in the University", focando more specifically the Federal University of Sergipe (UFS). It analyzes the meanings of "being a university student" for young of popular origin, the strategies integrators that they adopt to insert itself in the academic world, the conditions of insertion in the superior level, the daily life of these students, strategies of permanence in the University, beyond identifying possible institucional actions that can supply the extended insertion of these young in the academic world. One is about a qualitative boarding, carried through in two stages, in which, readings of texts and election of the interviewed ones had been carried through parallel.

Keywords: education, young, university

---

## 1. INTRODUÇÃO

A juventude como construção social e histórica, acompanha as mudanças ocorridas na sociedade (Leon, 2005; Abramo, 2005). As transformações ocorridas com a passagem da sociedade industrial para a sociedade informacional ou de conhecimento, provocaram mudanças, que têm influenciado o modo de vida das pessoas e o funcionamento da sociedade, (Castells, 2001 apud LÉON, 2005). Conforme Leon (2005), enfoques em desenvolvimento, visualizam as transições juvenis atreladas aos contextos nos quais se desenvolvem, destacando "a passagem do mundo da formação para o mundo do trabalho". Para Redondo (2000, apud, LÉON, 2005) o trânsito juvenil é atingido por mudanças provocadas pelo prolongamento da condição de estudante, retardo na inserção no mercado de trabalho, que apontam a transições juvenis de um novo tipo, estabelecendo relação entre a individualidade do sujeito e o contexto no qual se produz.

Conforme Spósito (2003) observa-se o retorno à defesa, predominante na década de 1950, de acesso à escolaridade como fator de promoção social e ocupação de tempo livre dos jovens, atrelada a propostas de controle social das classes pobres, predominantes no período da ditadura militar, através de programas sociais interessados em conter ações de violência. Ao mesmo tempo, coexistem percepções, dos anos 1970 mediadas por instituições da sociedade civil, que defendem políticas voltadas aos direitos da juventude, considerando-a como fase que atende a determinadas exigências.

Este olhar permite reconhecer a heterogeneidade juvenil a partir das diversas realidades cotidianas nas quais se inserem (NOVAES, 2008). Nessa diversidade, existem diferentes

percursos, que podem levar à construção de “finais” diferentes, histórias de fracasso ou sucesso, cujo principal determinante é a trajetória escolar desses indivíduos.

Partindo dessa ótica, e considerando certas mudanças sociais como a extensão da juventude, a importância de instâncias de socialização como lazer e cultura, que permitem o acesso a práticas e ações sociais com as quais os jovens se identificam, além da família e escola, possíveis orientadores das práticas, ou seja, o reconhecimento do jovem em várias dimensões da vida (ABRAMO, 2005), talvez possam provocar uma resposta de sua parte: O interesse pelo nível superior.

Segundo Charlot (2005), é importante entender a particularidade que leva indivíduos procedentes de camadas populares a estarem entre os bem-sucedidos na escola, superando grandes obstáculos em suas trajetórias. Entender o significado que a escola e o aprender têm para o aluno, a relação mantida com ela, explicam sua mobilização frente à escola e na escola (GALVÃO, 2008 apud CHARLOT, 2005). Para o autor, existe interesse dos jovens de camada popular em permanecerem no espaço escolar o maior tempo possível, ensejando assim, melhores expectativas de emprego e futuro, sendo que o leme condutor a mobilização é a importância dada à escola pela família.

No interior familiar, os jovens encontram “sustentação” para superar as adversidades, “conselhos”, “ajudas afetivas”, “valorização”, aproximação aos professores que reconhecem o esforço empreendido, zelo, principalmente das mães, visto na preocupação em adiar o envolvimento do filho com trabalho, antes da conclusão do ensino médio, participação essa que se estende à vida acadêmica sendo um dos vetores que pode contribuir para permanência desses jovens na universidade (PORTES, 1998 p.76). De maneira que, as trajetórias são guiadas não pelo capital cultural, mas pela atitude do jovem naquele meio. Atitude essa, que está voltada à aquisição do capital escolar através de “disciplina”, “trabalho” e “esforço”.

Nogueira et al (2007), analisaram os percursos escolares de crianças e jovens de camadas populares de periferia urbana e, conforme os autores existe variação nesses percursos que compreendem, além de aspectos ligados à renda, ocupação e escolaridade, certas especificidades individuais referentes às experiências vividas e o modo de enxergar a realidade, próprios de cada indivíduo que estão desligados da influência familiar. Essa análise atenta para fatores extra-escolares que permeiam as trajetórias escolares, correspondentes às transformações ocorridas no mercado de trabalho, cada vez mais exigente. Coerentemente, visando atender às exigências de maior escolaridade e qualificação do mercado, a população procura na escola instrução e através dela, oportunidade de nele ingressar.

Em contrapartida, os resultados escolares desapontam as expectativas das famílias, pois as trajetórias geralmente são marcadas pelo descompasso idade/série, formação acidentada, reprovações e abandonos temporários. Isso se dá porque o ciclo escolar dos filhos defronta-se com obstáculos, a título de exemplo, as condições socioeconômicas que embora não determinem os destinos escolares, podem interferir no processo de escolarização, caso surjam preocupações advindas de carências básicas nas condições de vida (NOGUEIRA et al, 2007).

Nesse contexto, as necessidades existentes voltam à atenção familiar primeiramente, à subsistência da família e a depender da situação, exige precocemente a entrada dos filhos no mercado de trabalho. As eventualidades ocorridas no interior das famílias podem precipitar esse ingresso já que pais e filhos costumam adiá-lo até que concluam o ensino fundamental. Por outro lado, o mercado pressiona os indivíduos requerendo maior e melhor qualificação, entretanto, a mão-de-obra daqueles que são pressionados, por forças materiais, a nele ingressar antes do previsto possuindo baixos níveis de formação, conseqüentemente, acabam por preencher as ocupações de menor prestígio social (NOGUEIRA et al, 2007).

Então, as carências no interior de suas famílias impulsionam os indivíduos a aceitarem as atividades ocupacionais que lhe são reservadas ainda que estejam descontentes. O mercado, por sua vez, atua como força motriz que os move na tentativa de conciliar trabalho e estudo, por isso, acabam recorrendo a cursos supletivos ou procuram cursos noturnos. Essa é uma situação difícil para os jovens, pois em geral, as atividades de trabalho desenvolvidas exigem bastante, comprometendo a assiduidade escolar. Soma-se a isso, carência de materiais e necessidade de apoio nas atividades escolares.

Quanto às perspectivas de retorno à escola prendem-se a busca por melhores condições de trabalho através dos certificados escolares, mesmo que os jovens também busquem, através de uma ocupação, independência financeira possibilitando assim, a aquisição de bens e o desenvolvimento de atividades que tem interesse. Esbarrar numa melhor oportunidade de trabalho tendo em vista a ausência de um título escolar incentiva o jovem a retomar os estudos.

Nessa perspectiva, para Zago (2006) o ensino superior representa a esses indivíduos maiores chances de conseguirem um emprego, no entanto, cientes de que a aprovação no vestibular não é algo fácil, esses jovens tendencialmente procuram cursos menos concorridos, pois crescem as chances de aprovação. Porém, superadas as dificuldades de acesso, surgem outras que podem comprometer a permanência e término do curso. Carências financeiras, certas limitações decorrentes de um percurso escolar deficiente, ou seja, novos desafios emergem durante a trajetória acadêmica.

## 2. POLÍTICAS PÚBLICAS DESTINADAS À JUVENTUDE

As políticas de juventude desenvolvidas no país trazem à tona mudanças ocorridas na concepção de juventude e revelam que pertencer à categoria já foi privilégio das classes economicamente mais favorecidas, tal como podemos observar até os anos 1960, período no qual os programas atingiam principalmente jovens de classes médias e altas, estudantes de Ensino Médio ou Superior (ABRAMO, 2005).

Ganham espaço, nos anos 1990, políticas voltadas ao atendimento das necessidades específicas da juventude, atenção ao desemprego, que atinge principalmente, jovens de 16 a 24 anos. Esse espaço resulta da atuação de movimentos sociais, mediante novas formas de atuação, abordagem social manifestadas desde a década de 1970, por punks, grupos ligados a hip hop, Grupos Juvenis, majoritariamente representados por “setores populares”, que enxergam o jovem de maneira peculiar, reconhecendo a existência de questões que especificamente atingem-no (ABRAMO, 2005).

Nos últimos anos, resgatando um olhar positivo sobre o jovem, dissemina-se um enfoque que o coloca como ator, capaz de solucionar os “problemas do desenvolvimento” e acompanhar o processo de modernização da sociedade. (ABRAMO, 2005, p.21). Essa nova vertente procura dar voz ao jovem, fomentando sua participação nas questões sociais.

De acordo com Spósito (2003) para analisar as políticas públicas de juventude têm-se que observar além dos atores envolvidos, classe social de origem, associação ou movimento, considerar quem de fato, são os responsáveis pelas políticas públicas. Até porque, em torno das representações existem conflitos, disputas, entre os jovens e os atores coletivos adultos sobre as ações destinadas à categoria e em relação às percepções sobre a condição juvenil, envolvendo uma diversidade de interesses entre as partes envolvidas.

O clientelismo acaba atingindo negativamente a constituição de espaços democráticos e de políticas públicas de juventude (ABAD, 2002 apud SPÓSITO, 2003). E, mesmo a iniciativa de organismos públicos de desenvolver ações vinculadas ao poder executivo, bem como de estabelecer parcerias com a sociedade civil para implantação de projetos ou programas para jovens, acabam ficando presas às formas tradicionais de agregação juvenil. (SPÓSITO, 2003). Além disso, apenas parte da categoria, os adolescentes, tem direitos assegurados através do Estatuto da Criança e do Adolescente. Os jovens, ainda, não possuem “direitos que os singularizam e que os diferenciam dos direitos definidos para outros segmentos”.

Essa tentativa de envolver os jovens na elaboração de Políticas Públicas de acordo com Neves (2008) e Ferreri (2008) consiste em reconhecer a categoria como sujeito político, o que requer uma definição clara dessa atribuição. Para os autores, o processo de definição política atingiu parcialmente a categoria, caso dos jovens envolvidos nos movimentos estudantis ou hippie, na década de 1960, ou seja, a juventude intelectualizada e urbana, favorável à transformação da sociedade, por ser atingida pelas repressões da ditadura militar.

Por outro lado, a manifestação de jovens das periferias, exigindo reconhecimento, ganha visibilidade, resultando numa reforma quanto a sua imagem. Todavia, passa a ser visto como

uma ameaça iminente, um problema social. Essa visão negativa do jovem de camada popular está ligada à crise econômica vivida pelo país em 1979 tendo como conseqüências a segunda crise do petróleo, a possibilidade de ascensão das classes médias, e a dificuldade de ingresso dos jovens no mercado de trabalho (NEVES, 2008; FERRERI, 2008).

Dessa forma, a idéia de que os jovens são os representantes futuros do país, evoca problemas ligados ao crime, à marginalidade que por sua vez, são vinculados as camadas populares. Conforme os autores tais questões passam então, a fazer parte das políticas públicas. Desde então, discutir juventude significa tomar como principal pauta os riscos que pode oferecer aos setores de maior prestígio social. Porém, o histórico social de jovens das classes subalternas, sujeitos à exploração de mão-de-obra, abuso sexual, violência, destituídos de habitação, revelam que o fato de a violência urbana crescente no país está diretamente relacionado aos setores de menor prestígio, tem uma razão de ser, pois os descumprimentos as medidas legais conquistadas através do ECA semeiam uma cultura pobre e violenta (NEVES, 2008, FERRERI, 2008).

Negar mudanças, tendo em vista o desenvolvimento de ações educativas, significa por em risco nosso ideário democrático, segundo o qual, todos devem indistintamente, gozar de direitos e prerrogativas já conquistadas legalmente. As Políticas Públicas surgem como possíveis alternativas de viabilização dessa proposta, a partir de medidas que afastem os jovens carentes da criminalidade, e de reintegração social aos que violaram a lei, porém a estes, tais tentativas ainda são baseadas em castigos ou punições (NEVES, 2008, FERRERI, 2008).

Todavia, deve-se atentar para as reais intenções de o jovem ser reconhecido como sujeito político, aliás, qual o sentido dessa caracterização no contexto atual? Na perspectiva dos autores, as Conferências podem se constituir em espaços para exposição de seus problemas, como observado na I Conferência Estadual da Juventude de Sergipe, na qual, questões como profissionalização, mercado de trabalho, carência de livros nas escolas, transporte do interior, compuseram as temáticas. O futuro das Conferências depende, atestam os autores, da participação ativa dos principais atores atingidos. (NEVES, 2008, FERRERI, 2008).

Entretanto, segundo Abramo (2005), tais políticas, oferecem o risco de sufocar as necessidades específicas da categoria pela imposição de um modelo pronto de atuação, por atribuir unicamente à juventude, a tarefa de resolver sozinha todos os problemas, tornando-se dessa maneira, a responsável em promover as mudanças sociais.

### **3. INCENTIVOS DESTINADOS AO ACESSO E A PERMANÊNCIA DO JOVEM DE CAMADA POPULAR NA UNIVERSIDADE**

As dificuldades de acesso dos setores populares ao nível superior fizeram algumas universidades do Brasil, reservarem vagas a negros, pobres, ou estudantes egressos de escola pública em todos os cursos, de acordo com critérios que podem ou não incluir o quesito renda familiar, conforme o modelo adotado pela Instituição. Todavia se as cotas permitem o acesso, cabe analisar, uma vez ultrapassada a barreira inicial do vestibular, as dificuldades de permanência na academia. Contribuem para isso, o desafio das universidades federais em acolher esse novo público, custos, dificuldades provocadas pela formação deficiente no Ensino Médio, assim como a iniciação profissional ser limitada (BARBOSA; BRANDÃO, 2007).

Conforme os autores Barbosa e Brandão (2007), embora existam iniciativas que visam o ingresso das camadas populares nas universidades públicas a partir da oferta de cursos pré-vestibulares e o sistema de cotas adotado em muitas Instituições do país, indivíduos das classes populares são prejudicados desde o acesso à universidade, tendo em vista a sistemática de determinados cursos, cuja organização não contempla a categoria. A distribuição dos horários dos cursos, as atividades de pesquisa, a exemplo dos que somente são ofertados durante o dia, enquanto muitos desses jovens trabalham; escassez de experiências de extensão, pois a vida acadêmica geralmente se circunscreve as atividades de sala de aula, limitam à trajetória universitária. A exclusão dos jovens de baixo poder socioeconômico, no espaço universitário desperta, conforme os autores, a ausência de uma identidade acadêmica, pela desconexão entre suas expectativas e experiências sociais e as atividades desenvolvidas naquele ambiente.

O Conexão de Saberes, iniciativa da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do Ministério da Educação, foi implantado em 2006, em todas as Universidades Públicas, como programa de democratização de acesso e permanência qualificada no Ensino Superior a jovens oriundos de favelas e periferias. Objetivando alimentar nesses jovens, a identificação com sua comunidade, mediante uma relação aproximada entre as suas experiências cotidianas e a vivência universitária (BARBOSA; BRANDÃO, 2007).

Na Universidade Federal de Sergipe, iniciou-se atendendo a 25 jovens, 15 do sexo feminino e 10 do sexo masculino visando estabelecer um intercâmbio, através do jovem oriundo de camada popular, entre a sua comunidade e a universidade, através da concessão de bolsas de extensão, permitindo-lhe: atuar na própria comunidade, propor "políticas de acesso e permanência" a outros jovens de mesma origem social e divulgar as que já existem, bem como, estimular o reconhecimento de sua cultura em meio à troca de saberes dos ambientes popular e acadêmico. (SILVA; TEIXEIRA, 2007).

A Universidade Federal de Sergipe também desenvolve outros programas de assistência estudantil, coordenados pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROEST), através da Coordenação de Assistência e Integração ao estudante (CODAE), são eles: a) Plantão Social: responsável pela seleção e encaminhamento dos estudantes aos programas de assistência implementados conforme disponibilidade de vagas; b) Isenção da taxa de inscrição no processo seletivo vestibular da UFS, ou seja, seleciona os estudantes que estarão isentos da taxa de inscrição do vestibular segundo os seguintes pré-requisitos: ser oriundos de escolas públicas ou estarem matriculados em escola da rede de ensino pública do Estado de Sergipe, ou ainda se provenientes de instituições particulares, devem comprovar que foram ou são amparados por bolsa integral; c) Programa de Residência Universitária que proporciona moradia, por meio de bolsas (residência e alimentação), isenções de taxas e "incentivos sócio-político-educativos na universidade"; d) Programa Bolsa-Trabalho, através da qual o estudante exerce uma atividade remunerada, com carga horária de vinte horas semanais; e) Isenção de Taxas Acadêmicas: exime o universitário das seguintes taxas: Registro de diploma expedido pela Ufs, Histórico Escolar por semestre, Atestados e Declarações, Opções de curso/continuidade, Aproveitamento de estudos, Matrícula em cursos de graduação; e f) Bolsa-Alimentação que concede a isenção do restaurante Universitário (RESUN), ao estudante regularmente matriculado.

#### 4. METODOLOGIA

Trata-se de uma abordagem qualitativa, já que estamos preocupados com uma realidade mais específica, o acesso e permanência de jovens de camadas populares numa Instituição Pública de Ensino Superior, o que nos colocou diante de valores, aspirações, e atitudes que não podem ser reduzidos à dimensão quantitativa. (MINAYO, 1994).

Nas duas etapas da pesquisa, foram realizadas paralelamente leituras de textos e seleção dos entrevistados. Para as primeiras entrevistas, quatro no total, a escolha dos estudantes, resultou do contato prévio mantido com eles e por ajustarem-se ao perfil pretendido pela pesquisa. Salvo a terceira, que resultou de um pré-requisito baseado em dados (nomes / telefones), de estudantes com renda variável entre R\$ 115,00 reais e R\$ 988,50 reais, proponentes a participarem de Programa de concessão de bolsas remuneradas, promovido pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), a estudantes de camadas populares. Sendo essa, uma tentativa de desvendar as estratégias que têm desenvolvido visando à continuidade de seus estudos universitários, tendo em vista a desclassificação naquele programa, em 2006.

Na segunda etapa da pesquisa, adotamos como critério de seleção dos entrevistados, a sua participação em programas de assistência estudantil que por sua vez, são direcionados a jovens de origem popular que enfrentam dificuldades para permanecer na Universidade. Seguindo tal orientação, nessa última fase, foram realizadas seis entrevistas com bolsistas e ex-bolsistas de diferentes Programas de Assistência Estudantil. Para tanto, como forma de nos aproximarmos de dois de nossos entrevistados ("I" e "J") fomos ao até o local onde exercem sua atividade remunerada como bolsistas e, para estabelecermos contato com os demais acadêmicos ("E",

"F" e "H"), contamos com a indicação de nossos primeiros entrevistados ("A", "B" e "C"). Durante a realização das entrevistas, que foram gravadas, solicitamos aos estudantes o preenchimento de um quadro, nomeado Quadro Família, através do qual coletamos informações referentes a parentesco, escolaridade, ocupação, com quem residem; perguntas que nos permitem, de forma geral, conhecer o contexto no qual estão inseridos.

### ***Conhecendo os Jovens Entrevistados<sup>2</sup>***

Além de realizar as leituras que sustentam a revisão bibliográfica, foram realizadas (10) dez entrevistas: A entrevistada "A", estudante de Pedagogia, 5º período, 19 anos, cursou todo o Ensino Fundamental e o Médio em escola pública. Na primeira tentativa conseguiu ingressar na Universidade. Destaca o apoio de professores durante a fase de preparação para o vestibular, que para aprofundarem seus estudos emprestavam-lhes material didático, como meio de aumentar as suas chances de ingresso no nível superior. Escolheu o processo seletivo seriado como estratégia para chegar à universidade e segundo a estudante, os pais a acompanharam nessa trajetória e isso se estende a vida acadêmica.

*Sempre essa preocupação, se viajar, se fizer parte de algum colóquio, de alguma coisa aqui e chegar em casa e não contar como foi, aí diz: nem conta como foi lá, me conte! Então, tem sempre essa questão sabe? De estar integrado. Pronto! (Entrevistada, A)*

O entrevistado "B", estudante de matemática (licenciatura), 25 anos, 4º período, cuja trajetória escolar foi marcada pela transição no sistema de ensino público, antes de ingressar no nível superior, imaginava que enfrentaria uma realidade bastante difícil, no sentido de a Universidade exigir muita dedicação.

Submeteu-se a quatro vestibulares na UFS, até conseguir a aprovação. Nessas tentativas, contou com o apoio da família e a confiança dos amigos. Quanto às estratégias adotadas, são utilizadas tanto para o acesso quanto para permanência na Universidade. Por considerar que o Ensino Médio não o tinha preparado para o vestibular, recorre a um curso pré-vestibular, promovido pelo Governo do Estado.

*No Ensino Médio foi meio complicado, porque eu fiz pelo SOMEM, que era um Sistema Modular, então você estudava três meses, já era outras três disciplinas e assim corria muita, muita coisa que não dava. (Entrevistado, "B")*

De acordo com o estudante a formação na Universidade Federal de Sergipe proporciona maior prestígio social, pelo menos para alguns cursos, assim como, habilita o estudante a fazer cursos de Pós-Graduação: Mestrado e Doutorado formações que compõem os seus projetos de vida.

A entrevistada "C", estudante de Artes Visuais, 20 anos, 4º período, sempre estudou em escola pública e seu interesse pela Universidade Pública surgiu desde a 8ª série. Conseguiu aprovação no vestibular, na segunda tentativa, tendo como principais incentivadores seus pais e professores. Ao falar das lembranças positivas do Ensino Médio, destaca a ajuda docente nos momentos de dificuldade, e de uma tia (que já havia estudado na UFS). Imaginava a Universidade como um ambiente de maior independência e percebe o universitário como "detector de conhecimentos". Para ela, a vida universitária:

---

<sup>2</sup> As falas dos entrevistados são fidedignas.

*É um puxado muito bom, é uma correriazinha, porque a vida não é fácil. (Entrevistada, "C").*

A entrevistada "D", estudante de Letras-Francês, 28 anos, 6º período, foi a primeira da família a ingressar numa universidade pública. Destaca que a sua trajetória escolar foi acompanhada pela mãe, que, aliás, selecionava as escolas do estado para seus filhos estudarem, acreditando que as do município são de qualidade inferior. A estudante revela a preocupação da irmã mais velha em ensinar-lhe as tarefas da escola, já que foi obrigada a deixar o reforço escolar no período em que a família enfrentou dificuldades financeiras.

No ensino fundamental não imaginava chegar à universidade e no Ensino Médio a descrença foi maior, por ter feito o magistério, uma imposição de sua mãe. Concluído o magistério, viveu várias experiências de trabalho e fica durante um bom tempo sem prestar vestibular. Passado esse tempo, resolve matricular-se em pré-universitário promovido pelo governo do estado (PRÉ-SEED), e segue o conselho de sua mãe de dedicar-se somente aos estudos para alcançar o nível superior, o que consegue na quarta tentativa. Superada a barreira do vestibular teme não terminar a graduação, receia que a língua francesa seja um obstáculo por, como ela mesma coloca:

*Ter caído de pára-quedas no curso. (Entrevistada, "D").*

A entrevistada "E", estudante de Letras-espanhol, 5º período, 20 anos, considera o acesso à universidade a sua maior conquista. Enxerga a família num contexto geral, como principal força capaz de motivar o indivíduo em direção ao nível superior. Ao fazer referência a sua própria trajetória escolar, comenta a preocupação de seu irmão mais velho, o apoio recebido de sua mãe e de três tias professoras.

*Meu pai assim, sempre se dedicou ao trabalho. Porém, a minha mãe e dos meus irmãos sempre me ajudaram muito. Tanto com as tarefas de casa (...) Eu nunca fui assim para a banca, meus próprios irmãos que me ensinaram e minhas tias também por serem professoras (...) O estímulo sempre foi muito grande. Mas, o estímulo do pai (...) também é muito forte pela questão financeira (...) Meu pai não comprava livro, não tirava xérox, sempre quem fazia era minha mãe, aí às vezes eles brigavam porque meu pai dizia: Ah, você está dando dinheiro para essa menina (...)" (Entrevistada, "E").*

Em relação ao pai lembra que, desde o Ensino Médio cobrava que conciliasse trabalho e estudo, chateava-se com a mãe por comprar livros, tirar xérox para ela e que essa cobrança se estendeu à universidade. Embora, sua mãe não "acreditasse" que pudesse ingressar na universidade, em virtude de sua procedência de uma instituição pública e de escola de bairro.

O incentivo do irmão e dos professores é o que a faziam alimentar esperanças em relação à universidade, sendo estimulada também pela vontade de mudar de vida e se tornar independente financeiramente. Percebe que a universidade ao mesmo tempo em que proporciona autonomia, exige maturidade e acredita que a sua vida mudou para melhor, diz que a Ufs proporciona certo prestígio social e têm grandes projetos baseados no percurso acadêmico; perspectivas de mestrado e doutorado.

No início da vida acadêmica, enfrentou dificuldades financeiras, superadas a partir da ajuda de suas tias, e a partir da bolsa-trabalho proporcionada pela universidade e que segundo ela, é fundamental para liquidar as despesas de transporte, alimentação, xérox, presentes na vida universitária.

A entrevistada "F", estudante de Letras-Espanhol, 5º período, 24 anos, diz que sempre foi movida por um forte desejo de estudar na Ufs, algo que conseguiu na sua segunda tentativa. Cita pais e professores como principais incentivadores desse desejo. E mesmo tendo fracassado na sua primeira tentativa de ingressar na Ufs, julga que o Ensino Médio a preparou para o vestibular, pela disponibilidade dos docentes em esclarecer dúvidas, por formar grupos de estudos com colegas e por não ter enfrentado dificuldades durante o percurso escolar.

Antes de ingressar na universidade julgava que a fazer parte desse meio torna as pessoas mais responsáveis por ser um passaporte para o mercado de trabalho, conforme comenta:

*Estou na Universidade agora é outra coisa: Responsabilidade. Agora estou na graduação, sou universitária (...) Arranjar um emprego, viver um novo mundo. Os professores são mais rígidos: Agora eu vou ter que estudar, vou ter que me batalhar realmente. Aqui a gente faz amizade, faz, mas é uma competição para o mercado de trabalho, então é outro mundo.*

Porém, ao fazer referência sobre as expectativas em relação ao ensino superior diz que o mercado de trabalho não parece abrir tantas "portas" como imaginava e que o processo de formação continuada pode garantir mais oportunidades, o que a leva a alimentar desejos de qualificar-se além da graduação com cursos de mestrado e doutorado.

O entrevistado "G", estudante de Ciências Sociais, 6º período, 20 anos, viveu uma experiência singular no Ensino Médio, passou pela experiência de pesquisa através de uma bolsa de iniciação científica, o PIBIC-JUNIOR, após passar por uma seleção realizada na escola estadual em que estudava. Isso permitiu que durante dois anos, tivesse contato com a universidade, fosse aos poucos se familiarizando com o espaço da Ufs e também desenvolvendo interesse pela universidade.

*A bolsa foi que realmente definiu: Ah, vou fazer vestibular porque eu quero continuar pesquisando. E aí, eu acho, foi a maior influência que me fez pensar em universidade, foi a bolsa de pesquisa (Entrevistado, "G").*

No período de preparação para o vestibular, acreditava na possibilidade de aprovação e desconfia ser o primeiro da família a ingressar no nível superior, elege como co-responsáveis por essa conquista, que, aliás, ocorreu na primeira tentativa, os pais, professores e os amigos. Entretanto, julga não ter tido acompanhamento escolar, exceto nas séries iniciais, comenta que no tocante aos estudos, era independente, contava apenas com a preocupação do pai no trajeto à escola.

Sobre a relação com os colegas de curso diz que nem sempre foi fácil, assim como também não é com os que convivem na residência. Pensa que os estudantes de forma geral, e a própria universidade são mais voltados ao mercado de trabalho, também considera as pessoas muito fechadas a desconstruírem hábitos, comportamentos de classe, herméticas a formas diferentes de enxergar o outro. Já com os professores, considera ter uma boa relação, porém acredita que incentivam a competitividade entre os alunos.

Comenta que a condição de universitário é privilegiada, embora tenha que renunciar a muitas coisas, bens de consumo de uma maneira geral, por dar primazia aos estudos em detrimento do mercado, o que de certa forma o deixa insatisfeito por não colaborar com a família financeiramente.

O entrevistado "H", estudante de Matemática, 5º período, 23 anos, sempre estudou em escola pública. Ao comentar sobre a sua trajetória escolar, revela:



*Meu pai sempre cobrou (...) meu pai sempre (...) Quando eu perdi, ele ficou até chateado, mas minha mãe não, minha mãe ficou mais tranquila, entendia, até porque ela via (...) como ela estava dentro de casa, ela via que eu não fazia nada e meu pai não, ele sempre foi mais assim para o lado do estudo; Oh, vá estudar mesmo (...) Mas, só que assim, ele não ficava dentro de casa, não tinha tempo de acompanhar, mas o tempo que ele tinha, ele ia ao colégio, ia às reuniões, ele sempre foi mais ativo em relação aos estudos do que a minha mãe (Entrevistado "H").*

Segundo ele, o pai costumava participava da sua vida escolar e foi o principal incentivador, na sua trajetória rumo à universidade. Além disso, para o estudante, o mercado de trabalho desperta no jovem o interesse pelo nível superior, pois a graduação proporciona melhores expectativas de futuro. Aliás, esse foi um critério levado em consideração ao escolher o curso, pois, combinando as opiniões e a afinidade com a matemática, decidiu então, pelo curso.

Aliás, a graduação torna-se um projeto de vida após o Ensino Médio, ou seja, começa então, a construir o desejo de chegar à universidade, sendo que, a escolha pela Ufs se deve a noção de que oferece maiores facilidades de ingresso, visto que, o processo seletivo é simplório, se comparado ao de outras universidades. Na academia, durante um ano, viveu a experiência como monitor, que de acordo como ele, apenas enriqueceu o seu currículo.

O entrevistado "I", estudante de Economia, 5º período, 20 anos, cursou o ensino fundamental menor em escola pública municipal e o fundamental maior em Colégio de Aplicação da Ufs, experiência essa que julga ter sido decisiva para ingressar na universidade:

*Eu diria que hoje é o melhor colégio de Sergipe. A maioria das pessoas que saem de lá, quase com certeza vai entrar na universidade, a não ser que queiram um curso bem concorrido. Tirando isso, a maioria entra. Dos meus antigos amigos que estudavam lá, uma sala de quarenta pessoas, trinta e poucas entravam na universidade (Entrevistado "I").*

Diz que estudar na universidade sempre foi um desejo e para escolher o curso combinou uma série de fatores, entre eles o interesse pela matemática. Parece não ter tido grandes surpresas ao ingressar no nível superior, por entender a organização, a dinâmica, a rotina da universidade por ter frequentado algumas aulas na academia, enquanto ainda era estudante do ensino médio. Revela que os limites financeiros dificultam a trajetória acadêmica e que a sua bolsa de trabalho é de significativa importância para conclusão do curso.

O entrevistado "J", estudante de Engenharia Florestal, 3º período, 21 anos, durante o ensino fundamental estudou em escola pública e o ensino médio cursou em uma instituição particular. A escolha do curso deve-se a preferência por matemática e como durante certo tempo viveu no campo, acredita que pode atuar profissionalmente no interior.

*Por uma questão de me ver no curso que escolhi depois de formado, minhas preferências, meus gostos (...) e como no colégio também tinha uma psicóloga, uma vez ela falou assim: às vezes, o curso traz muito status, mas não é aquilo que você quer, um advogado não pode ir pra o campo, já que ele gosta de paletó (...) aí teve assim o curso e a identificação com a sua vida (Entrevistado "J").*

Chegar à universidade passa a ser um objetivo no terceiro ano do ensino médio, e concretiza-se na segunda tentativa. Para atingir esse fim, migra de um município de interior de Sergipe vindo para capital onde se preparou em um pré-vestibular. Tentou ingressar em outras universidades particulares do estado, mas, ao saber da aprovação na Ufs, abandona essas possíveis alternativas. A experiência universitária nos primeiros períodos foi marcada por "perda" de disciplinas, comenta ter sentido muitas dificuldades até entender a dinâmica da universidade e só agora no terceiro semestre consegue conduzir a vida acadêmica com mais tranquilidade.

A família dos entrevistados destacados é constituída por pai (em todas elas a figura paterna é a responsável pelo sustento familiar), mãe (donas de casa) e irmão (s). A maioria dos entrevistados cita os pais como principais responsáveis pelo ingresso na Universidade, nas falas também é recorrente referências aos professores como incentivadores. Apresentam uma trajetória escolar geralmente marcada por aprovações, destacada pelo envolvimento com os estudos. São estudantes cujos percursos acadêmicos são traçados com zelo.

## 5. CONCLUSÕES

Pertencer à categoria juventude teoricamente não representa uma questão de classe, contudo, quanto menos favoráveis às condições econômicas e de escolaridade, mais desfavoráveis são as situações de vida enfrentadas pelos jovens. Nessa perspectiva, conquistar espaço no mercado de trabalho, cada vez mais exigente e altamente competitivo exige maior qualificação profissional, sugerindo a busca por formação e níveis mais elevados de escolaridade.

Possivelmente, esse é um dos principais fatores, senão o principal, que conduz às famílias, de classes populares, à valorização da escola visando que seus filhos conquistem melhores condições sociais futuras. Entretanto, cientes de que a graduação não oferece a garantia de espaços no mundo do trabalho, os estudantes projetam a busca por maiores qualificações.

É interessante destacar que os estudantes "B" e "C" destacam em suas falas que as escolhas dos cursos foram reguladas pela afinidade com disciplinas dos Ensinos Fundamental e Médio, Matemática (caso do entrevistado "B") e Artes (caso da entrevistada "C") indicando o risco de afirmativas generalizantes que apontam que jovens de camadas populares buscam cursos menos concorridos, para aumentarem as chances de ingresso na Universidade. Em contrapartida, este elemento não pode ser colocado como determinante para as escolhas dos sujeitos, uma vez que vários fatores podem influenciar a construção dos percursos escolares e possivelmente interferem nas escolhas realizadas.

Dos entrevistados, 50% consideram estudar na Ufs uma questão de prestígio, haja vista a valorização dada pela sociedade aos estudantes de instituição pública e superior de ensino. Talvez, por tal reconhecimento é que os estudantes geralmente apostem que o título obtido com a graduação os favoreça no mercado de trabalho. Então, nessa perspectiva, o percurso acadêmico revela-se bastante significativo, ao mesmo tempo em que, para construí-lo também é de tamanha importância o auxílio de uma bolsa remunerada.

São jovens de diferentes percursos, embora traços comuns os caracterizem, a maioria dos estudantes destaca o apoio de pais e professores como principal incentivo para o ingresso e a permanência na universidade; à medida que partilham certas experiências, a saber: Três de nossos entrevistados "esbarraram" (foram reprovados) no vestibular e por vezes viveram várias reprovações; o estudante de matemática (Entrevistado "B") realizou quatro tentativas até conseguir a aprovação. O que não foi diferente com a estudante de Letras-Português-Francês (Entrevistada "D"), que fez várias tentativas até alcançar esse fim. A Metade deles conseguiu chegar à Ufs na primeira tentativa.

Alcançado o objetivo de ingressar na Universidade, lançam mão de estratégias que auxiliam a permanência na Instituição, geralmente exercem algum tipo de função remunerada: Dois deles são bolsistas remunerados na própria UFS e registram a importância desse auxílio financeiro, já que a vida universitária tem suas exigências referentes a gastos com alimentação, transporte e apostilas. Todos os estudantes, exceto um, conciliam trabalho e estudo e todos, durante a graduação, já realizaram alguma atividade remunerada.

Os percursos escolares além dos resultados positivos marcam as diferenças ao observarmos as escolhas, os obstáculos, as estratégias, os diferentes pontos de vista, são histórias que fazem parte de um mesmo mundo: O mundo acadêmico das classes populares no interior da Universidade Federal de Sergipe.

1. ABRAMO, Helena Wendel. **Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo**. In: ABRAMO, Acleno Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005.
2. ABRAMO, Helena Wendel; LEÓN, Oscar D'ávila. In: **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. 2 ed. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
3. BARBOSA, Jorge Luiz; BRANDÃO, André. Jovens de Camadas Populares e Universidade. In: **Conectando Saberes: Jovens de origem popular e o difícil caminho para a universidade**. Rio de Janeiro: UFF, 2007.p.09-21.
4. BOCK, Silvio D. A inserção do jovem no mercado de trabalho. In: **Juventude em debate**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.p.11-16.
5. CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber formação de professore e globalização: questões para educação de educação de hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005, Cap. III, p. 59-72.
6. GALVÃO, Maria Cristina da Silva. **Sucesso Escolar nas Classes Populares**. Disponível em <http://www.maxwell.lambra.ele.puc-rio-br/cgi-bin/prg0599.exe/9786.pdf>>Acesso em: 29 de set. 2008.
7. MARTINS, Heloisa Helena T. Souza. A Juventude no Contexto da Reestruturação produtiva. In: **Juventude em debate**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.p. 17-40. MINAYO, M.C.S.(Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
8. NEVES, Paulo S. C. Políticas Públicas de Juventude: Nova Arquitetura para o debate sobre educação. In: **Pluralidade de Saberes e Territórios de Pesquisa em Educação sob Múltiplos Olhares dos Sujeitos Investigadores**. São Cristóvão: UFS, 2008.
9. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
10. NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo, NADIR, Zago (org). **Família e Escola trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
11. NOVAES, Regina R. Juventude e participação social. In: **Juventude em debate**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 46-69.
12. PORTES, Écio A. O trabalho escolar das famílias populares. In: **Estratégias escolares do universitário de camadas populares: a insubordinação aos determinantes**. Universidade, cultura e conhecimento - A educação pesquisa a UFMG. B. Horizonte, FAE/UFMG, 63-79.
13. SILVA, Veleida Anahí da; TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. **Jovens Universitários de Origem Popular, Alterando Percursos**. GT: Sociologia da Educação/n.14. ANPED, 2007.
14. SPÓSITO, Marília Pontes. **Trajetórias na Constituição de Políticas Públicas de Juventude no Brasil**, cap.3, p.57-75. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda Carvalho (Orgs). **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa, 2003.
15. ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior. In: **percursos de estudantes universitários de camadas populares**, Ano I, n. 2, p. 7-15, 2008.